

A REPRESENTAÇÃO DO CRIME DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER, TIPIFICADA NA LEI MARIA DA PENHA, EM UM CERTO CAPITÃO RODRIGO, DE ÉRICO VERÍSSIMO.

Autores: HEIDY CRISTINA BOAVENTURA SIQUEIRA;

Um Certo Capitão Rodrigo, de Érico Veríssimo, foi extraído de *O tempo e o Vento - O Continente*, cuja a ideia dominante de ciclo, que se dá pela sucessão de gerações, está expressa na epígrafe que inicia o romance, retirado do livro bíblico Eclesiastes. Apesar de se tratar de obra ficcional, apoiada em fatos históricos relacionados ao Rio Grande do Sul, a análise textual permite retirar informações acerca de valores do século XIX, e fazer uma correspondência com o século XXI. Uma geração sucede a outra, entretanto, algumas mazelas não desaparecem. No tocante à violência doméstica e familiar contra a mulher, hoje tipificada como crime através da Lei nº. 11.340/2006, popularmente conhecida como “Lei Maria da Penha”, a representação é construída de forma nítida. A mentalidade da sociedade de 1828, ano em que se inicia o enredo, que inferioriza e menospreza capacidades e características próprias da condição feminina, contribuindo para perpetuar a discriminação da mulher, e, portanto, o favorecimento de situações de violência, reproduz-se no tempo atual, legitimada como algo “natural”. Isto porque os atos de brutalidade e abuso físico e/ou psíquico contra a mulher, caracterizando relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, pela intimidação e pelo medo, são recorrentes e em números alarmantes. A obra descreve, de forma sutil, o abuso sexual perpetrado pelo Capitão Rodrigo Cambará contra Paula, esposa de Nicolau, dono da venda onde ficou hospedado quando chegou a Santa Fé. O agressor entende a mulher exclusivamente como objeto de satisfação de seus desejos sexuais. A vítima, como tantas outras, cala-se assustada e submissa. É possível especular que a dependência financeira do marido; a pouca credibilidade na sua fala; a falta de apoio da família e da comunidade e a vergonha da violência sofrida; não permitiram que Paula rompesse com a situação abusiva. Hoje, pode-se afirmar que estes mesmos fatores impedem que outras tantas vítimas de violência tenham uma conduta diferente da personagem. Já Bibiana, não obstante ser forte e determinada, também cumpre no enredo o papel estereotipado de gênero na família, veiculado pela cultura brasileira. Representando o pensamento machista, ainda dominante, de que o espaço público cabe ao homem, e o privado, à mulher; submete-se à violência psíquica conjugal. Para manter a família unida, a personagem reafirma o que lhe foi ensinado pela avó que “o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar”.